

O ARTIGO DE OPINIÃO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO-APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO

Claudisson dos Santos Cruz¹
Edinelza Macedo Ribeiro²

RESUMO: Esta pesquisa tem por objetivo conhecer a contribuição do gênero textual Artigo de Opinião como estratégias de ensino-aprendizado da Língua Portuguesa para os alunos de uma turma do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola estadual da cidade de Parintins. O presente trabalho é de natureza qualitativa por priorizar a percepção dos sujeitos envolvidos na pesquisa de campo. Quanto os métodos e procedimentos de coleta de dados, foram priorizados o método observacional com vistas exploratórias de campo, como também, a pesquisa bibliográfica. Como fundamentação teórica, este estudo se apoiou em Fiorin (2002), Marcuschi (2008), Sena (2011), Boaventura (2003), Brasil (199), Ferreira (2013), entre outras referências que contribuíram para a realização da pesquisa. Visto que há muitas dificuldades que permeiam o ensino, a presente pesquisa obteve importantes resultados, visto que o gênero textual artigo de opinião exige dos alunos a exposição de suas opiniões sobre assuntos atuais e polêmicos que podem ser trabalhados em sala de aula, mas que pode servir também para um novo olhar que vai além do espaço escolar, e que poderá intervir nos problemas da sociedade. Por essa questão, torna-se imprescindível, portanto, mudar a realidade do âmbito escolar ao qual foi proporcionado esta pesquisa. O presente Trabalho de Conclusão é apenas um passo que possibilitará para intervenção na realidade e prática escolar de muitos alunos e professores.

Palavras-chave: Gênero Textual. Artigo de opinião. Ensino-aprendizado. Língua Portuguesa.

ABSTRACT: This research has for objective to know the contribution of the gender textual Article of Opinion as strategies of teaching-learning of the Portuguese Language for the students of a group of the third year of the Medium Teaching of a state school of the city of Parintins. The present work is of qualitative nature for prioritizing the perception of the subjects involved in the field research. As the methods and procedures of collection of data, the method observation were prioritized with exploratory views of field, as well as, the bibliographical research. As theoretical foundations, this study leaned on in Fiorin (2002), Marcuschi (2008), Seine (2011), Boaventura (2003), Brazil (199), Ferreira (2013), among other references that contributed to the accomplishment of the research. Because there are a lot of difficulties that permeate the teaching, to present research he/she obtained important results, because the gender textual opinion article demands the exhibition of their opinions from the students on current and controversial subjects that you/they can be worked at classroom, but that can also be for a new one to look that is going besides the school space, and that can intervene in the problems of the society. For that subject, he/she becomes indispensable, therefore, to change the reality of the school extent to which this research was provided. The present Work of Conclusion is just a step that will make possible for intervention in the reality and many students' school practice and teachers.

Key-word: Textual gender. Opinion article. Teaching-learning. Portuguese language.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu a partir de uma perspectiva recorrente ao âmbito escolar, à qual se refere ao ensino da Língua Portuguesa (LP) para os estudantes do ensino médio. Considerou-se, além das importantes referências bibliográficas, assim como pesquisas em

¹ Graduando do curso de Licenciatura Plena em Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas – CESP/UEA. claudsonmarquescl@gmail.com

² Orientadora Professora Doutora, membro do Colegiado do Curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas – CESP/UEA.

estudos que tratam da temática proposta neste trabalho, as experiências como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto de produção textual em uma escola estadual da cidade de Parintins. Assim também como as observações em sala de aula proporcionada pela disciplina Estágio Supervisionado I e II. Dessa maneira, articularemos discussões acerca da temática em questão, ressaltando a relevância desse gênero quanto aos aspectos linguísticos e gramaticais, com apoio dos fundamentos de Fiorin (2002), Marcuschi (2008), Sena (2011), Boaventura (2003), Brasil (199), Ferreira (2013) entre outros. Desta forma, priorizou-se como objetivos específicos, o desenvolvimento de discussões com base nos principais autores que trabalham acerca da temática em questão, analisar as características, estrutura e sequência didática do *artigo de opinião* e a realização de uma oficina de intervenção para mostrar a importância do gênero *artigo de opinião* com relação aos aspectos gramaticais e linguísticos. Os objetivos proporcionaram uma interação dialógica com a turma. Por essa questão, a pesquisa tem sua relevância em sala de aula.

A presente proposta se baseia na compreensão de que qualquer domínio linguístico possui uma forte relação com a possibilidade de plena participação social. Até porque é por meio dela que o homem se comunica, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, ou seja, produz conhecimento. Por isso, pretende-se estimular aos alunos o interesse em produção textual, desenvolvendo as competências na leitura, interpretação, escrita e oralidade, assim como o melhor desempenho gramatical entre outros fatores importantes na formação dos estudantes, desenvolvendo pensamentos críticos, e assim, possam ter capacidade de intervir ao que lhes é imposto pela sociedade.

Podemos perceber, então, que a temática proposta neste trabalho se faz importante, tendo em visto que o gênero artigo de opinião exige dos alunos a exposição de suas opiniões sobre assuntos atuais e polêmicos que podem ser trabalhados em sala de aula, mas que pode também servir para um novo olhar que vai muito além do espaço escolar. Dessa maneira, faz-se necessário o conhecimento acerca do gênero textual, além da necessidade de leitura, e sobretudo, saber organizar as ideias, estruturando as dissertações de forma coesa e coerente.

Tendo em vista os dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) em 2017, divulgados pelo Ministério da Educação (MEC) em agosto de 2018, mostra que no ensino médio 7 de cada 10 alunos apresentam nível insuficiente em Língua Portuguesa, ou seja, menos de 4% tem conhecimento adequado nesta disciplina. Por isso, a presente pesquisa se apresenta como alternativa de minimização dos problemas eventuais que descreve o cenário da educação no Brasil, no que diz respeito aos resultados apontados pelos órgãos responsáveis que avaliam essas habilidades.

Como forma de proporcionar uma melhor compreensão dos resultados da pesquisa, este artigo apresenta além da introdução, as características metodológicas que nortearam este trabalho, a revisão da literatura, as análises e discussões dos resultados e, finaliza com as considerações finais.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado com os alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola estadual da cidade de Parintins. Tendo em vista a problemática em questão e com base nos objetivos propostos, foi priorizado a pesquisa qualitativa, pois se buscou valorizar a percepção dos sujeitos investigados. De acordo com Guerra (2014, p. 11), “o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito”. Dessa maneira:

A abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. O uso da descrição qualitativa procura captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências. (TRIVIÑOS 1987 apud OLIVEIRA 2011, p. 24)

Quando falamos em conhecimento científico, os pesquisadores/cientistas, ao primeiro passo, incidem em diferenciá-lo de outros tipos de conhecimentos existentes, analisando, dessa forma, os fatos históricos-sociais até à contemporaneidade, chegando-se à conclusão de tal conhecimento. Para isso, deve-se saber quais os tipos de abordagem e métodos que se encaixam nas pesquisas científicas, uma vez que,

Todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos; em contra partida, nem todos os ramos de estudo que empregam este método são ciências. [...] Assim, o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando os erros e auxiliando as decisões dos cientistas. (LAKATOS 2010, p. 65)

Por essa questão, a pesquisa qualitativa foi útil, pois oportunizou ao pesquisador interpretar e descrever as percepções oriundas dos investigados presentes nas produções textuais. Houve o propósito de intervir na prática escolar vivida pelos estudantes do 3º ano do ensino médio, mediante a aplicação de uma oficina sobre o gênero textual artigo de opinião.

Para este passo da pesquisa, realizou-se a investigação bibliográfica para se conhecer os principais teóricos acerca do assunto em questão. E por ser um campo vasto para inúmeras investigações, destacam-se como embasamento as seguintes autoridades, Fiorin (2002), Marcuschi (2008), Brasil (1997), Ferreira (2013), Sena (2008), Boaventura (2003), entre outras referências que contribuíram para a realização deste trabalho.

Outra característica deste estudo é a pesquisa de campo, pois o pesquisador propiciou uma oficina de intervenção com os alunos do 3º ano do ensino médio para explicar, não somente os conceitos e a estrutura do artigo de opinião, mas também os passos que podem ser dados para se chegar à produção inicial e final do artigo de opinião, utilizando-se da sequência didática. Para coleta de dados, primeiramente foram feitas a seleção das obras bibliografias evidenciando os principais autores a serem fichados, assim também como artigos publicados que tratam sobre o assunto em questão. No segundo momento foi apresentado o pré-projeto a ser trabalhado nesta pesquisa, guiado pela orientadora. Foi elaborado uma oficina a ser aplicado na escola campo de pesquisa e solicitado o termo de consentimento livre para aplicação da mesma. Após isso, foram feitas a verificação dos conceitos a serem trabalhados e finalmente o agendamento para aplicação da oficina que aconteceu em cinco aulas de 1 hora cada aplicadas em três partes, sendo, por sua vez, uma aula teórica, outra prática e a auto avaliação de acordo com a sequência didática proposta, aplicada com 25 alunos do 3º ano.

3. REVISÃO DA LITERATURA

3.1. Os gêneros textuais e a contribuição para a linguagem em funcionamento

Não é difícil nos depararmos com estudantes reclamando nos corredores das escolas sobre as aulas de português³. Geralmente o que se ouve são reclamações direcionadas aos aspectos da nomenclatura gramatical, pois há inúmeras regras e os estudantes não conseguem aprendê-las ou decorá-las, muito menos usá-las “corretamente” na prática social oral e escrita. Daí, na perspectiva dos gêneros textuais, “as regras gramaticais ganhariam seu caráter de funcionalidade, uma vez que seriam exploradas de acordo com as particularidades de cada gênero” (ANTUNES, 2009, p. 58). Os gêneros textuais são o caminho para a compreensão da

³ Essa afirmativa foi levantada com base nas observações na disciplina Estágio Supervisionado I e II, e experiência como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

gramática normativa, pois contribuem para amenização das possíveis causas que deixam as aulas monótonas, invariáveis, na mesmice da rotina escolar e desestimulam os alunos no processo de ensino-aprendizagem nos conteúdos de português e literatura. Encontramos em Kleiman (2008, p. 18), uma reflexão interessante referente aos desafios em realizar adoções de enfoques interacionistas no contexto escolar:

De fato, tem se tornado lugar comum entre professores declarar a adoção de enfoques interacionistas para o ensino de língua oral e escrita. Entretanto, a explicitação dos fundamentos linguísticos, sociais, pedagógicos desses enfoques, é muitas vezes uma tarefa que o professor não parece exercer. Coisa semelhante acontece quando se trata de argumentar a favor dessa postura, talvez polêmica, com professores mais tradicionais; em qualquer atividade de ensino que não seja o diálogo informal com os alunos, o professor não adota a postura que faria da criança um interlocutor.

Conforme se observa acima, a postura do professor na mediação do aprendizado da língua é fundamental. Até porque a língua é materna (tanto dos indivíduos de classe alta quanto de classe baixa, independentemente de região para região, “raça” ou cor) e é falada da maneira que os sujeitos estão acostumados a ouvirem em suas convivências sociais, seja com os pais, com os amigos, e em diversos grupos ou meios de comunicação. Esses argumentos são defendidos por Calvet (2002, p. 12), quando entende que “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”. Além de ser um fato histórico-social, a língua é também um fato sociocultural que está presente em sala de aula e os professores devem respeitar e saber aproveitar ao máximo esses fatos linguísticos dentro dos conteúdos de ensino da língua portuguesa e as respectivas literaturas, já que a língua e o domínio desta tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social.

No entanto, as discussões sobre os gêneros textuais no Brasil datam de 1998 e surge no contexto dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que incidem num documento teorias e concepções sobre a linguagem e o aprendizado dos alunos, em que,

[...] a unidade básica do ensino só pode ser o texto. Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. (BRASIL, 1997, p. 23)

Em vista do que propõe os PCN's, os textos são unidades dialógicas que possibilitam a compreensão do uso da linguagem como parte interativa dos indivíduos em sociedade. De acordo com Ferreira (2013, pag. 29), “o estudo sobre os gêneros esteve, ao longo da história da humanidade e das investigações sobre a língua(agem), ligado, de alguma forma, a tentativa de classificação de diferentes aspectos da realidade, principalmente de fatos linguísticos”.

Nessa perspectiva, Marcuschi (2008, pag. 147) ressalta que o estudo dos gêneros textuais não é novo e, no Ocidente, já registra vinte e cinco séculos, se consideramos as observações sistemáticas e introdutórias de Platão. O que hoje se tem é uma nova visão do mesmo tema. Os gêneros textuais tratam, por sua vez, da classe de gênero textual com diferentes abordagens teóricas, dando-lhes uma conceituação e vinculação a uma prática social, que pode ser discursiva ou escolar. O aluno, além de focar seus interesses nos textos, tem uma perspectiva de análise crítica como sujeito leitor, produtor e vivente dessa prática de linguagem.

Na realidade, o estudo dos gêneros textuais é hoje uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para a linguagem em funcionamento e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social [...] (MARCUSCHI 2008, p. 151)

De fato, os gêneros textuais estabelecem relações entre dois ou mais ramos do conhecimento, por isso, é uma área interdisciplinar, pois se torna comum às disciplinas. Os vastos campos dos gêneros textuais são excelentes para o ensino da Língua Portuguesa e Literatura. Esse universo textual traz à tona a importância de estudos voltados para o melhor conhecimento acerca dos aspectos linguísticos e gramaticais da língua portuguesa. Sabemos, porém, que os gêneros textuais são inúmeros e cumprem uma função social específica. Segundo Brasil (1997, p. 26) “todo texto se organiza dentro de um determinado gênero. Os vários gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional”. Por isso, Marcuschi (2008), verifica que “a análise de gênero engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder às questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral”. Um dos aspectos que é necessário a esse nível, é de os sujeitos dialógicos saberem utilizar, de modo variado, a língua, a fim de produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita.

É importante ressaltar neste trabalho, o reconhecimento e as grandes contribuições de Bakhtin (1895-1975) para com os gêneros textuais, os quais, ao longo dos tempos foram destacadas e são extremamente relevantes para a compreensão dos gêneros. Sendo o autor visivelmente citado e discutido, teve merecimento entrar nos discursos pedagógicos de nível fundamental e médio, como sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais. O dialogismo, segundo Bakhtin apud Brait (2001), se define pela interação entre textos correlacionados com

outros discursos semelhantes, tanto na escrita como na leitura. O que evidentemente contribui para construção de outros textos.

Como um campo que visa aprender a linguagem em situação, enquanto fato, acontecimento, realização concreta, a pragmática linguística tem por objetivo não o estudo da estrutura gramatical em si, como elemento autossuficiente, mas visa à utilização da linguagem por um locutor, a relação entre o seu dizer e o fazer, suas intenções, que manobras, estratégias discursivas mobiliza para conseguir seus intentos (BRAIT, 2001, p. 60)

Seguindo o pensamento acima, faz-se necessário a compreensão dos diálogos que circundam as pessoas no cotidiano. É preciso entender os discursos que constroem nossos pensamentos, nossas ideologias, para que dessa forma, se possa ter uma posição mais crítica acerca dos discursos presentes na sociedade. Fiorin (2016, p. 8), ressalta que “compreender é participar de um diálogo com o texto, mas também com seu destinatário, uma vez que a compreensão não se dá sem que entremos numa situação de comunicação, e ainda com outros textos sobre a mesma questão”. Neste sentido, o mesmo autor diz que,

Todos os enunciados no processo de comunicação, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. (FIORIN 2016, p. 22)

É esse processo de dialogismo presente na intertextualidade do texto que o transforma na sua não completude. Justamente por ser compreendido como um evento comunicativo. Nesse sentido, Marcuschi (2008, p. 242), chama atenção para o fato, “se a língua é atividade interativa e não apenas forma, e o texto é um evento comunicativo e não apenas um artefato ou produto, a atenção e a análise dos processos de compreensão recaem nas atividades, nas habilidades e nos modos de produção de sentido bem como na organização e condução das organizações”. Por isso, não se deve considerar o texto como um produto acabado, mas sim como um processo comunicativo, que está sempre sujeito a novas construções dialógicas.

A fim de compreender as concepções acerca dos tipos textuais, gêneros textuais e discursivos. Faremos a seguir, uma breve abordagem para conhecer as diferenças e semelhanças entre essas características textuais. Dessa forma, o enfoque desta pesquisa poderá ter melhor apoio teórico, o que contribuirá para resultados satisfatórios sobre o gênero textual “artigo de opinião”.

3.2. Tipologia textual, gênero textual e gênero do discurso: quais concepções e diferenças?

Em se tratando de textos, há ainda confusões quanto às diferenças, principalmente quando se trata de gêneros discursivos, gêneros textuais e tipologia textual, pois como sabemos, há grandes semelhanças entre os mesmos, o que acabam confundindo bastante um com o outro. O que muitos não atentam, é identificar suas divergências que caracterizam seu papel no cotidiano dos sujeitos enquanto falantes. Trataremos aqui das concepções desses gêneros e tipologia textual, para que possamos ter melhor compreensão desse assunto.

As tipologias textuais, segundo Marcuschi (2005), são utilizadas para distinguir as estruturas específicas dos textos, quanto aos aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas. A tipologia textual são números limitados, pois abrange apenas cinco diferentes tipos de textos, conhecidos como narração, dissertação/argumentação, exposição, descrição e injunção.

Entretanto, esses tipos textuais não aparecem isolados nos textos, por exemplo, em um texto narrativo, podem aparecer também as características descritivas ou explicativas sobre determinados personagens, ocorrendo ainda, uma espécie de mistura entre as tipologias textuais. A partir disso, nos gêneros textuais, que podem ter marcas fortes e evidentes de mais de um tipo textual ou ainda, podem ser completamente homogêneos e de difícil especificação. Marcuschi (2005) nos explica que os tipos textuais são limitados e entram na composição de vários gêneros, por isso, as tipologias textuais são sequências linguísticas que compõe os gêneros textuais. Assim os tipos textuais são encontrados em diversos gêneros como, por exemplo, a piada, letras de música, história em quadrinho, contos, fábulas, etc.

[...] os tipos textuais – narrativo, dissertativo, descritivo, injuntivo, explicativo – não costumam aparecer isoladamente nos gêneros textuais, nem que a ordenação das suas partes é flexível ou que alguma delas pode não aparecer no texto de forma convencional e, além disso, não se discute que existam diferentes maneiras de essas categorias se apresentarem dependendo do gênero textual em que serão usadas. Uma reportagem, por exemplo, pode trazer descrições, narrações e costuma ser dissertativa. Percebe-se, nesse caso, que as sequências tipológicas se misturam para formar um gênero e que não há uma sequência pré-determinada e fixa em que isso acontece. (COSCARRELLI, 2007)

Seguindo esta lógica, os gêneros textuais são os produtos adquiridos através das tipologias textuais, ou seja, é a materialização das práticas sociais, daquilo que acontece no cotidiano dos indivíduos. Sendo assim, os gêneros textuais têm propriedades sócio-comunicativas determinadas a partir do tema, das propriedades funcionais e do estilo. Por essa questão, os gêneros textuais são considerados um campo vasto de conhecimentos existentes no dia a dia das pessoas, sendo considerado também como um número incontável.

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. (MARCUSCHI, 2005, p. 21)

Por essa questão, torna-se formidável usar-se dos gêneros textuais como objeto de ensino, pois, assim como sugere os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), só pode ser o texto a unidade básica de ensino, já que estes se organizam sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística. Desse modo, a noção de gênero precisa ser tomada como objeto de ensino. Neste sentido, torna-se “necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que os textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas” (BRASIL, 1997, p. 23).

Em contraponto ao que foi abordado acima, imaginemos agora uma palestra em que o dirigente/emissor transmite uma mensagem aos ouvintes, estes, por sua vez, compreendem os códigos linguísticos, o que torna possível dizer que houve uma comunicação, pois “ao interagirem por meio da língua, os sujeitos sociais produzem discursos, ou seja, praticam ações verbais dotadas de intencionalidade. Os discursos produzidos se manifestam por meio de textos” (FERREIRA, 2013), isso significa dizer, de acordo com Orlandi (2013, p. 21), que o discurso é efeito de sentido entre locutores. Sendo assim, conforme ressalta Verceze (2008, p. 48),

Os gêneros discursivos são unidades de sentido com propósitos comunicativos, pois manifestam diferentes intenções do autor: informar, convencer, seduzir, entreter, sugerir etc. Em função dessas intenções, pode-se categorizar os gêneros discursivos considerando a função comunicativa que neles predomina.

Neste sentido, nos estudos sobre os gêneros discursivos, procura-se compreender a língua como fato social, conforme Orlandi (2013, p. 19), “nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura mas sobretudo como acontecimento”. Por isso, é possível afirmar que os discursos, segundo Bakhtin (1998) apud Ferreira (2013), nascem dos diálogos, e estes referem-se a todas as comunicações verbais inerentes à linguagem, uma vez que, para Bakhtin (2003, p. 270) “a língua é deduzida da necessidade do homem de auto-expressar-se, de objetivar-se. A essência da linguagem nessa ou naquela forma, por esse ou aquele caminho se reduz a criação espiritual do indivíduo”.

Nesta perspectiva, é difícil saber a classificação dos gêneros discursivos, pois estes são entidades vagas, por isso, Bronckart (2003, p.75) não considera os gêneros discursivos como

objeto de análise, caráter esse que cabe ao texto, pois é unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente. Os gêneros textuais estão presentes no cotidiano das pessoas, pois são estes produtos da atividade humana, segundo Ferreira (2013, p. 44), “os textos são produtos da atividade humana e estão articuladas às nossas necessidades, aos nossos interesses e as condições de funcionamento dos contextos sociais em que estamos inseridos e nos quais produzimos nossos dizeres, sejam orais ou escritos”. Por essa questão, “na medida em que todo texto se inscreve, necessariamente, em um conjunto de textos ou em um gênero, adotamos a expressão gênero de texto em vez de *gênero do discurso*” (BRONCKART, 2003 apud FERREIRA, 2013, p. 44). Após esclarecermos as possíveis dúvidas dos gêneros textuais e tipos textuais, na sequência focalizamos sobre o gênero textual “artigo de opinião”.

3.3. Artigo de Opinião: concepções, estrutura e principais características

As pesquisas voltadas para o gênero artigo de opinião, foco deste trabalho, trouxeram excelentes resultados no que se refere aos conhecimentos da estrutura e desenvolvimento deste gênero textual. Veremos a seguir, os resultados dessas pesquisas que possibilitaram a compreensão acerca deste assunto neste trabalho de conclusão de curso.

Voltado agora, especificamente ao gênero textual artigo de opinião, sabemos, pois, que este gênero se deriva da tipologia textual dissertativo-argumentativo, ao qual têm por finalidade, defender um ponto de vista, levantando uma tese, acerca de um determinado assunto polêmico e atual, podendo haver ou não contra-argumentos. Um dos principais veículos onde podemos identificar os artigos de opiniões são jornais e revistas. A intenção deste gênero, além de opinar sobre os diversos temas da sociedade, é também de persuadir o leitor, como verifica Fiorin (2002, p. 309) “usa-se um ou outro modo de construir os enunciados em função dos efeitos de sentido que se quer criar. Há textos que são mais convincentes se forem elaborados de maneira a criar efeitos de sentido de objetividade. Outros persuadem melhor se mostrarem um efeito de subjetividade”. No caso do artigo de opinião, diferentemente de outros textos dissertativos, se destaca pelo uso da linguagem tanto em terceira pessoa e, como principalmente se deve ocorrer, em primeira pessoa, o que faz desse gênero uma das propostas de ensino da língua portuguesa, pois, trata-se de um dos gêneros mais articulados por expressar opiniões e pensamentos dos alunos sobre os determinados assuntos de ordem social.

A pesquisa de campo neste trabalho possibilitou a observação das dificuldades dos estudantes do 3º ano do ensino médio, desde como elaborar um título e a organização das ideias, até como estrutura-se um artigo de opinião. Para isso, utilizaram-se as bases teóricas em Sena (2008) e Boaventura (2003), os quais tiveram importante contribuição para com este trabalho. Como sabemos, o artigo de opinião, assim como os demais textos dissertativos, estrutura-se em três partes, a saber: introdução, desenvolvimento e conclusão. Como base nessas dificuldades observadas, vejamos a seguir um breve comentário sobre a estrutura deste gênero textual.

Dissertar acerca de um determinado tema, pode ser difícil para os alunos, pois muitos não têm conhecimentos sobre o assunto a ser dissertado, muito menos opinar sobre o tema. Antes de tudo, é necessário conhecer o assunto, para depois elaborar um esquema de como será escrito o texto. De acordo com Antunes (2003, p.110), sendo o texto o objeto de estudo, “primeiro se estuda, se analisa, se tenta compreender o texto (no todo em cada um de suas partes – sempre em função do todo) e, para que se chegue a essa compreensão vão-se ativando as noções, os saberes gramaticais e lexicais que são necessários”. Assim sendo, é importante se fazer um plano e refletir acerca de como escrever um texto, pois

[...] é obvio que em todo trabalho a ser feito, um plano é necessário. O arquiteto faz a casa antes de construir a casa. O empresário projeta a indústria que vai instalar [...] a utilidade do plano é inconteste, sobretudo para certo tipo de comunicação, como a prova, a preleção, a aula, o discurso, a conferência, o relatório, o artigo”. (BOAVENTURA, 2003, p. 8-9).

Isto significa dizer que é necessário, a partir de um tema, fazer sua delimitação, ou, em outras palavras, “do recurso que nos permite, dentre tantas opções oferecidas pelo assunto, escolhermos aquele aspecto que, pela sua especificidade em meio à generalização e abrangência nos permitir maior segurança, profundidade e eficácia no controle e abordagem do tema” (SENA, 2008 p. 39).

Seguindo este sentido, passaremos a refletir sobre o assunto escolhido pensando no objetivo de escrita, já que “é necessário compreender plenamente o assunto, a partir do enunciado. Para tanto, aplicar todo espírito em descobrir o alcance, implicações e limites do tema central” (BOAVENTURA, 2003, p. 12). Sendo assim, não se pode escrever sobre qualquer coisa, assim como não se pode escrever para se chegar a lugar algum, “podemos dizer que a elaboração de um parágrafo de qualidade deve passar antes pelo estabelecimento de um objetivo a ser alcançado pelas ideias que se entrelaçam em seu interior” (SENA, 2008, p. 42).

Após este momento crucial antes de escrever, partiremos, então para o parágrafo de introdução, o qual é responsável pela apresentação do tema a ser exposto. Na introdução faz-se necessário a abordagem sobre o referido tema, o qual deve ser polêmico e atual, atento a chamar atenção do leitor. Segundo Sena (2008, p. 48), o parágrafo introdutório deve conter uma “frase núcleo”, responsável pela abertura da introdução, ou seja, um ou dois períodos curtos iniciais “que traduzam com toda clareza possível, o objetivo escolhido e funcionem como guia para o desenvolvimento das ideias, evitando, assim, a fuga em relação ao rumo traçado” (SENA, 2008, p. 48).

Feita introdução, partiremos agora ao desenvolvimento. O desenvolvimento, de acordo com Sena (2008, p. 66), “trata-se daquele momento em que se reúnem fatos, informações, circunstâncias e diversos aspectos que irão dar sustentação ao compromisso do autor estabelecido na frase-núcleo”. Muitos dos estudantes confundem a estrutura dos textos dissertativos (introdução, desenvolvimento e conclusão), como sendo parágrafos, e acabam deixando seus textos desproporcionais, pois, às vezes, há parágrafos de desenvolvimentos enormes. Nesta etapa, os parágrafos de desenvolvimentos podem ser divididos conforme os argumentos a serem levantados, sendo assim, haverá coesão e harmonia na dissertação. “Dividir é distribuir um todo em partes. Há tantos tipos de divisões quantas espécies de todo. O corpo do assunto pode conter duas partes, no mínimo, ou três, no máximo” (BOAVENTURA, 2003, p. 28). Leva-se em conta ainda, que estas partes devem ter um plano definido para se desenvolver algo, assim as ideias se tornarão mais claras e não haverá fuga do tema.

Em relação a isso, um bom texto utiliza-se de partes extremamente importantes, ao qual se refere ao uso da coesão e coerência. Saber organizar as ideias em sequência lógica, usando-se dos conectivos corretos para dar sentido e melhor compreensão do assunto, é essencial para que o texto se saia excelente, e contribuirá também para a persuasão do leitor.

Por fim, todo texto dissertativo deve conter uma conclusão. Assim, como os demais parágrafos, nesta etapa, o escritor deve se usar de uma frase que possa remeter o leitor à conclusão do assunto. Esta última composição do texto, “trata-se do momento em que o escritor faz uma sucinta retomada do objetivo expresso na frase núcleo ou, ainda, recapitula, de forma sintética, os detalhes que compuseram o seu desenvolvimento” (SENA, 2008, p. 93). De acordo com Boaventura (2003, p. 47), “a conclusão é o ponto de chegada. O que foi prometido na introdução será entregue na conclusão. Em última análise, a conclusão é resposta. Se a comunicação visa persuadir, na conclusão, com maior razão, a intenção de impressionar os receptores é bem definida”.

Desta forma, com base nos autores que explanam detalhadamente as estruturas dos textos dissertativos, procurou-se fazer um breve comentário acerca dos principais pontos que se deve conter nos parágrafos de introdução, desenvolvimento e conclusão. Portanto, não buscamos aqui, nos aprofundarmos sobre o assunto detalhado, mas sim ressaltar a importância dos conhecimentos adquiridos nas pesquisas bibliográficas para que se possa ter maior compreensão do tema estabelecido neste trabalho. Outro assunto que merece destaque no contexto de análise dos gêneros textuais é a Sequência Didática (SD) a qual serve de auto avaliação nas produções textuais dos alunos e de apoio à construção desse processo.

2.3. Sequência didática: uma proposta de auto avaliação dos gêneros textuais

Sequencia didática é uma ordem linear de determinadas atividade para se obter resultados satisfatórios no processo de ensino de conteúdos com os alunos mediado pelo professor, envolvendo atividades de aprendizagem e avaliação. Desta forma, pressupõe-se que haja mais interação em sala de aula, proporcionando o aprendizado e estimulando aos educandos o interesse pela produção textual, mediado pelo professor. De acordo com Rigonatto (2018),

sequência didática é um conjunto de atividades desenvolvidas para produção de gêneros textuais. Essas atividades podem ser guiadas por um tema ou um objetivo. Além disso, ela é dividida em etapas que tem como fechamento a produção final do gênero trabalhado. São elas: apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final.

Dessa forma, com base na citação acima e no que verificou Ferreira (2013, p. 101), a aplicação da sequência didática requer um trabalho sistematizado por parte do professor, visto que o objetivo dela é possibilitar que os alunos se apropriem do gênero que está sendo trabalhado para que se possa ter conhecimento acerca de suas determinadas estruturas. Essa proposta de sequência didática trabalhada no 3º ano do ensino médio proporcionou melhor compreensão dos alunos na produção textual, visto que, na correção dos textos produzidos por eles, puderam observar os pontos aos quais os textos apresentavam deficiências gramaticais, coesiva, e também na fuga do tema.

Na oficina sobre o gênero textual artigo de opinião, participaram 25 alunos. Foram elaboradas em cinco (5) aulas de 1 hora cada, divididas em três partes, sendo estas: teórica, prática e, por fim, auto avaliação dos textos produzidos junto com os estudantes. Nesta sequência didática, foram propostas as seguintes atividades relacionadas: apresentação da

situação, produção inicial, módulos e produção final. Sendo assim, com intuito de proporcionar uma interação em sala de aula, Antunes (2003, p. 45), verifica que,

Uma visão interacionista da escrita supõe, desse modo, encontro, parceria, envolvimento entre sujeitos, para que aconteça a comunhão das ideias, das intenções pretendidas. Assim, por essa visão se supõe que alguém selecionou alguma coisa a ser dita a um outro alguém, como quem pretendeu interagir, em vista de algum objetivo.

Vale ressaltar, na sequência didática, a importância da interação com os alunos mediada pelo professor, o qual tem papel de inteira responsabilidade no ensino-aprendizado dos educandos e deve assumir a postura profissional, não menosprezando, por sua vez, as produções textuais dos alunos, mas pelo contrário, aproveitando ao máximo as escritas e orientando-os no melhor desenvolvimento de suas produções. Partiremos agora para a análise e discussão dos resultados obtidos nesta pesquisa.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para o melhor desempenho das sequências de atividades, a sala foi organizada em círculo, assim todos puderam perceber o espaço criado e o dinamismo proporcionado aos alunos, a participação e interação de todos presentes em sala. O professor explicou como aconteceriam as atividades propostas na oficina para que os alunos tivessem melhor compreensão do que aconteceria no decorrer das aulas. Primeiramente, houve uma dinâmica, onde o professor selecionou uma música conhecida dos alunos, e todos puderam interagir cantando. Ao final desta dinâmica, aconteceu um breve debate sobre o gênero musical, iniciando por sua vez o tema a ser discutido na oficina.

Após a exposição dos conteúdos teóricos sobre o artigo de opinião, mostrando os veículos onde circulam, sua estrutura, as pesquisas acerca do tema proposto para a produção, a escolha da delimitação, elaboração e organização das ideias, e, por fim, a obtenção da produção inicial dos textos, o docente responsável pela oficina marcou outra aula para a avaliação dos textos, obtendo-se a produção final destes.

Após análise das produções textuais iniciais dos alunos, constatou-se que a maioria dos textos produzidos pelos mesmos foram apenas colados da internet, os quais foram considerados como plágio. Entretanto, discutimos sobre esses assuntos em sala, levando-os ao entendimento de que a apropriação indevida de um trabalho é crime. Quanto aos que tentaram produzir embasados em seus conhecimentos prévios e com base em suas pesquisas, não se obtiveram resultados satisfatórios com relação a estrutura, assim como alguns não souberam

organizar suas ideias sobre o tema a ser discorrido, muito menos passar para o papel, na forma escrita, as sequências lógicas dos enunciados. De acordo com Antunes (2009, p. 51),

O texto envolve uma teia de relações, de recursos, de estratégias, de operações, de pressupostos, que promovem sua construção, que promovem seus modos de sequenciação, que possibilitam seu desenvolvimento temático, sua relevância informativo-contextual, sua coesão e sua coerência, enfim. De fato, um programa de ensino de línguas comprometido com o desenvolvimento dos alunos, somente pode ter como eixo o texto em todos esses outros desdobramentos.

Assim, o que ocorreu em sala foi uma discussão mais detalhada sobre o gênero produzido, onde os alunos puderam conhecer mais profundamente como se deve organizar as ideias e a estrutura do artigo de opinião. Foi aberto também um diálogo em que os alunos puderam dizer quais foram suas dificuldades na produção dos textos.

Por essa questão, foram selecionados alguns dos textos que se encaixavam melhor dentro do gênero textual artigo de opinião. Estes textos foram fotocopiados e distribuídos aos alunos para que fizessem as devidas correções em grupo, assim como a discussão sobre os argumentos levantados pelos autores dos textos escolhidos, sob mediação do pesquisador. Dessa forma, se pressupõe que,

o estudo dos gêneros permitiria aos alunos perceber como a elaboração e a compreensão de um texto resultam da conjunção de fatores internos à língua e de fatores externos a ela; externos porque ancorados numa situação social que envolva uma prática de linguagem. Essa conjunção de fatores internos e externos poderia fundamentar, inclusivamente, a prática da análise linguístico-pragmática de mal-entendidos, de conflitos, de imprecisões ou de ambiguidades, atestados em uma comunicação. (ANTUNES, 2009, p. 59)

Neste sentido, seguindo a sequência didática, deu-se a correção de cinco textos, chegando-se à produção final. Dessa forma, os alunos, organizados em cinco grupos, puderam discutir acerca dos textos produzidos analisando os pontos que caracterizam o artigo de opinião. Os educandos puderam tirar suas dúvidas quanto a esse processo de produção, e puderam expor também suas dificuldades com relação a escrita e o que aprenderam nas aulas sobre o gênero textual artigo de opinião. Vejamos a seguir, a análise dos resultados obtidos:

Sofrendo em silêncio

É alarmante o crescente índice de abusos sexuais contra crianças e adolescentes no Brasil, agravados pela família e pela justiça, em muitos casos, nem chegam a ser denunciadas, e quando não, não se punem os culpados. Nessa ocasião cabendo na esplaneta as suas vítimas nas mães da violência sexual.

Segundo o Ministério dos Direitos Humanos foram registrados 175 mil casos entre 2012 e 2016, ou seja, 4 casos por hora em denúncias pelo disk 100. Crianças são mais vulnérveis ao estupro principalmente no âmbito doméstico por sua maioria dos seus autores são da família ou conhecidos, quem deveria protegê-las, família ou avós.

Em 2016 o SUS atendeu 22,9 mil vítimas de estupro, 52% delas, mais de 13 mil tinham de 0 a 14 anos, ou seja, com idade 6 mil, menos de 9 anos, ao todo 67,7% são meninas e em a maioria dos agressores do sexo masculino 62,5%.

Há um tabu formado sobre este tema as pessoas não dialogam sobre ele, como se fosse inexistente, o que cria uma existência de tolerância tanto em adultos como em crianças. Então não sabem que os adultos não podem abusar delas, elas vão achar que

isso faz parte da vida e pode passar um longo período sendo abusada, sem saber que isso é uma violação dos direitos", diz Flávia Bezerra, gerente da Ong Childhood Brasil.

Portanto é necessário um trabalho de informação, não só nas escolas, mas em todo o ambiente social da criança, para que ela tenha noção de seus direitos e saiba falar sobre a violência, para que não volte e alada sem ter a quem recorrer. Devemos voltar nos olhos e acreditar em nossas crianças para ansos protegê-las.

O primeiro texto “Sofrendo em silêncio”, podemos perceber que a aluna traz um título que chama a atenção do leitor, e a leitura aborda um tema polêmico e atual da sociedade, na qual se refere à pedofilia. Analisou-se que este texto possui as características do artigo de opinião, assim como a estrutura do texto dissertativo estruturadas corretamente. Há um levantamento de dados para sustentar seus argumentos contra o abuso sexual de crianças e adolescentes em: “segundo o Ministério do Direitos Humanos foram registrados 175 mil casos entre 2012 e 2016, ou seja, 4 casos por hora em denúncias no disk 100”; e também no seguinte trecho: “em 2006 o SUS atendeu 22,9 mil vítimas de estupro, 52% delas, mais de 13 mil tinham de 0 a 14 anos”. Por fim, a autora conclui ressaltando a importância das informações trabalhadas no espaço escolar e fora dele, para que se possam ter mais atenções para com as crianças, jovens e adolescentes.

Mulher: Violência Doméstica

Embora que a violência doméstica em países é muito grande. Há todos os dias na delegacia vários casos, todos estes são registrados com nome as ocorrências.

Além disso, há várias casas de mulheres que não denunciam, porque tem medo de serem violentadas ou pensam que seus filhos vão sofrer. Que elas não sabem e que quando vão a delegacia (com base em controle) há, elas que não violentam as mulheres inocentes e indefesas.

Em casa que as próprias mulheres podem dar um basta, fazendo com que os pais direitos seja respeitado. Se cada mulher que fosse violentada registrasse um boletim na delegacia, menos casos contra mulheres teriam.

Portanto, nos temos que ajudar as nossas mulheres a denunciar, para diminuir o índice de violência contra as mulheres na nossa cidade, e precisa que haja a denúncia, assim os autores desse tipo de violência pensariam duas vezes antes de cometer esse crime.

O segundo texto “Mulher: violência doméstica”, possui um título chamativo, polêmico e está presente na atualidade. O texto está dividido em quatro parágrafos bem estruturados, mas precisa ainda ser organizada melhor algumas ideias para se ter mais coerência, assim como uns ajustes gramaticais para se ter melhor concordância. Sua base para se ter o levantamento do auto índice de violência doméstica, se dá pela afirmativa: “há todos os dias na delegacia vários casos, todos estes são registrados na delegacia”; e também se usa de exemplos: “há vários casos de mulheres que não denunciam porque tem medo de serem violentadas”. Mais frente o autor diz que esse crime pode ser dado um basta disso tudo por uma simples denúncia pelas próprias vítimas: “se cada mulher cada mulher que fosse

violentada registrasse um boletim na delegacia, menos casos contra mulheres teriam”. Ao final do texto, o autor sugere que a sociedade ajude a denunciar os casos de violência contra as mulheres: “temos que ajudar as nossas mulheres a denunciar, para diminuir o índice de violência contra as mulheres na nossa cidade”.

Violência contra homossexual

No cenário social de um país no qual violência inserida é metáfora a presença de diversos tipos de violência. Desde estar a que se destaca nos meios digitais e a violência sofrida por homossexuais, ela se manifesta cada vez mais em locais públicos, revelando uma certa parte da população que age impulsivamente e agredir física e moralmente os demais cidadãos por não concordar com sua opção sexual.

A cada 24 horas um homossexual é violentado no Brasil, é indubitável que a homofobia está muito presente atualmente no cenário social brasileiro. Tudo isso devido a um equívoco que nos pouco note e com o passar do tempo vai a se tornar frequente, visando incriminar para muitos da população que passaram a designar uma pessoa de inferioridade para serem punidos e em muitos casos, utilizando-se a violência física ou verbal. Além disso, é notório que o homossexual sofre por sua sexualidade para não se a sofrer discriminação e violência em muitos lugares. Nos últimos quatro anos o número de denúncias ligadas a homofobia cresceu 260% segundo números obtidos por

Estado, o Disque 100 da secretaria de direitos humanos da presidência da República (SDH-PR), registrou 1150 casos em 2016. Dessa modo, percebe-se que há uma necessidade maior de intervenções jurídicas nesses casos. Além disso, diversos casos de agressões são registrados atualmente em delegacias como crimes comuns, e isso é inaceitável, visto que as autoridades competentes precisam intervir.

A luta pelo caminho certo para a eliminação da homofobia é uma longa jornada, porém é fundamental que a norma sociedade e quando digo norma me refiro a consciência derivando de lado o preconceito e acatando as diferenças.

O terceiro texto, “Violência contra homossexuais”, traz à tona um dos problemas enfrentados pela sociedade contemporânea, o que faz do título uma proposta bastante polêmica. A produção deste artigo de opinião possui uma excelente estrutura, linguagem em terceira pessoa e aspectos gramaticais bem empregados. O parágrafo introdutório foi bem elaborado, nos remetendo sobre o que a autora irá abordar. No entanto, o parágrafo de desenvolvimento precisaria ser dividido para se ter uma melhor harmonia, mas não interfere na linha de pensamento a qual se está seguindo. Nota-se que a autora se utilizou de pesquisas para sustentar seus argumentos, e cita ainda, um levantamento de dados feito pela secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDHPR), à qual “registrou 1150 casos em 2016”, assim como dá exemplos de casos de registros em delegacias. Por fim, a autora conclui que a sociedade deve se conscientizar deixando de lado o preconceito e as diferenças uns dos outros.

Tipos de Violência

Existem vários tipos de violência como a física e psicológica. A que vai discutir aqui é a psicológica, tem algumas coisas que precisam que esse tipo de violência é a que tem maior importância mas que é a mais importante de todas.

Quando uma pessoa sofre esse tipo de violência acaba por viver com o seu autismo, fazendo com que o mundo se torne psicologicamente abstrato e muito complicado, muitas vezes, por exemplo, quando um colega de aula fala sobre sua situação ou para isto comente esse tipo de violência. É isso que a psicologia psicologicamente ela não tem nada que se tornou o que de quando aquilo para si. Qualquer coisa que lhe cause de um momento de diminuição de autismo ou que que dependa de controlar suas ações, comportamentos, reações e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.

Outro exemplo que pode citar é “Em uma festa de casal, o esposo normalmente usa esse talco para fazer com que a parceira se sente sexual e insegura, sem chance de reação. Não existe respeito”, explica Maria Luiza Bastamenti, que é chefe do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade Estadual de Rio de Janeiro ao G1. Esse tipo de violência normalmente precede a agressão física que, uma vez praticada e tolerada, pode se tornar constante. Na maioria das vezes o risco de assédio que o relacionamento não está funcionando ainda é um motivo que leva mulheres a se submeter a esse tipo de violência.

Dificilmente as vítimas procuram ajuda externa nos casos de violência psicológica. A mulher tende a aceitar e justificar os atitudes de agressão, mantendo a aproximação de suas amigas até que uma situação de violência física muitas vezes que se ocorre, talvez, é necessário que as pessoas que sofrem e psicólogos a autismo de alguns pensam muito bem em seus atos e qualquer tipo de palavra que distorce o lado emocional, levando-as muitas das vezes a cometer suicídio, é preciso que

Hoje há uma conscientização da sociedade pois todos sofrem uma batalha diariamente a respeito desse assunto

No quarto texto, a autora não fez a delimitação do tema “Violência”, porém, no parágrafo introdutório, ela ressalta o que vai ser tratado em seu texto, “violência psicológica”, e ainda nos diz que, “algumas pessoas pensam que esse tipo de violência é a que menos tem importância mais penso que é exatamente ao contrário”. Os parágrafos são bem estruturados, mas são longos. Seu argumento acerca da violência psicológica está sustentado em exemplos e uma entrevista citada pela chefe do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. A autora desse texto ressalta ainda que “difícilmente as vítimas procuram ajuda [...]. A mulher tende a aceitar e justificar as atitudes do agressor, protelando a exposição de suas angústias até uma situação de violência física”. A conclusão, se dá ao final do mesmo parágrafo ressaltando que haja mais sensibilidade e que as pessoas pensem em seus atos que podem ocasionar a morte das vítimas.

A culpa não é delas

Diversos tipos de violência contra as mulheres tem surgido a cada dia e tem uma frequência, mas a pergunta que me cabe, é: por que? Os abusos que sofrem e até a morte das mulheres são causados por elas?

Resposta para a primeira pergunta, homens que tem uma mentalidade machista podem achar facilmente, mas entendem o valor do argumento de que algumas mulheres andam com suas roupas certas demais e expostas demais, para justificar a violência que cometem, que por sua vez, pode ser apenas verbal (como o assédio sexual) ou até mesmo o ato de (abusos) estupro.

Muitos desses homens também se aproveitam do estado de fragilidade em que uma mulher pode se encontrar por ter se exposto, quando ela está grávida (ou não) em uma parada de ônibus, quando se encontra solteira, que foi o caso de Joreni.

Denilda que foi assassinada depois de ser estuprada, estando do lado de fora de casa antes de sua morte. Esses e outros casos são usados para culpar as mulheres. Culpa-las por suas roupas que querem usar ou ir em certos lugares que querem ir.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) a taxa de feminicídio no Brasil é a quinta maior do mundo. E nos casos de violência, elas são culpadas.

Portanto o que se deve fazer como prevenção é o “NÃO CALE-SE” pois muitas mulheres sofrem estupro por medo, ou até pessoas que parecem a elas e calam, mas não deve acontecer, mas simplesmente acontece. A culpa não é das mulheres por serem mulheres e não devem ser mortas ou abusadas simplesmente por serem quem são.

Por fim, o quinto texto, “A culpa não é delas!”, houve uma tentativa de produção do artigo de opinião, onde a autora usa um título que chama atenção do leitor, abordando também sobre um tema polêmico e atual do cotidiano. O parágrafo introdutório, já aborda uma pergunta interessante: “os abusos que sofrem e até a morte dessas mulheres são causados por elas?”; em seguida, o produtor do texto tenta desvendar e responder à pergunta no desenvolvimento constituídos por dois parágrafos, usando-se de exemplos, possíveis motivos que causam os abusos sexuais, além de fatos que aconteceram. E sobretudo, a autora levanta dados para alertar que os casos de feminicídio no país é absurdo: “segundo a Organização Mundial da Saúde, a taxa de feminicídio no Brasil é a quinta maior do mundo”. Em sua conclusão, usa-se em caixa alta a seguinte exclamativa “NÃO CALE-SE”, com a tentativa de dizer que muitas pessoas têm medo de denunciar os casos de abusos sexuais, e assim fecha afirmando que “a culpa não é das mulheres por serem mulheres e não devem ser mortas ou abusadas simplesmente por serem quem são”.

A abordagem acerca da sequência didática como proposta de avaliação obteve resultados bons ao final da produção textual. Sabemos, porém, que “elaborar um texto escrito é uma tarefa cujo sucesso não se completa, simplesmente pela codificação das ideias ou informações, através de sinais gráficos. Ou seja, produzir um texto escrito não é tarefa que implica apenas o ato de escrever” (ANTUNES, 2003, pag. 54). Por outro lado, implica também um conjunto de processos e etapas ao qual o escritor deve se situar. O ideal para que se ocorresse o bom desempenho do aprendizado seria que os trabalhos de produção textual fossem voltados desde os primeiros momentos da vida escolar dos estudantes, possivelmente, desta forma, os educandos seriam estimulados nesse processo tanto de escrito quanto de leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho surgiu de uma perspectiva recorrente ao ensino de língua portuguesa em sala de aula, observadas na disciplina Estágio Supervisionado I e II, e também com base nas experiências vivenciadas como bolsista do PIBID – Programa Institucional de Iniciação à Docência. Por essa questão, o objetivo da pesquisa foi conhecer a contribuição do gênero textual artigo de opinião como estratégias para o ensino-aprendizado da Língua Portuguesa dos alunos de uma turma do terceiro ano do ensino médio de uma escola Estadual da cidade de Parintins. Assim como, desenvolver discussões com base nos principais autores que trabalham acerca da temática em questão; analisar as características, estrutura e sequência didática do artigo de opinião e realizar uma oficina de intervenção para mostrar a importância do gênero textual com relação aos aspectos gramaticais e linguísticos.

Esta pesquisa também buscou, através das questões norteadoras, verificar os principais autores tais como Fiorin (2006), Marcuschi (2008), Sena (2011), Boaventura (2003), Brasil (199), Ferreira (2013), dentre outras referências. Assim, se pode ter melhor compreensão sobre o referido tema, bem como a realização da oficina em uma turma do 3º ano do ensino médio, participando desta pesquisa cerca de 25 alunos, na qual realizaram as produções finais dos artigos de opiniões dentro de sua devida estrutura.

Assim como toda pesquisa de campo, houve problemas para obtenção de um bom êxito neste trabalho de conclusão, pois, com base nos resultados obtidos, pode-se observar que há grandes dificuldades que interferem no aprendizado dos estudantes, alvos da pesquisa. Há inúmeros fatores que os levam ao desinteresse em produção textual, e conseqüentemente, ao desestímulo quanto ao ensino da língua portuguesa. Fatores socioeconômicos,

desestruturas familiares, por exemplo, intervém no rendimento e desenvolvimento dos alunos do 3º ano da escola campo de pesquisa.

Por se tratar de uma escola, considerada marginalizada, na percepção do sistema educacional de Parintins, além das conversas informais com os professores que atuam na escola, compreende-se que uma parte considerável dos estudantes são transferidos de outras escolas por má conduta dentre outros fatores relacionadas à má disciplina. Por essa questão, talvez, esses estudantes não têm interesse nas aulas expostas em sala. E por se tratar do 3º ano do ensino médio, considerava-se que os alunos já tivessem uma boa base na construção de textos dissertativos, contudo, foi-nos revelado na prática que os estudantes desconhecem ainda as estruturas do texto, o que os levaram ao mal desempenho na produção escrita.

Entrementes, a pesar desses pontos negativos que intervíram e contribuíram para as dificuldades citadas, pode-se dizer que a pesquisa teve um resultado satisfatório, pois contribuiu para a compreensão dos conhecimentos dos alunos em relação ao objetivo proposto. Vale ressaltar que os educandos do 3º ano médio, onde foi aplicado o projeto, ainda não trabalham os gêneros textuais e a sequência didática como proposta de avaliação, por isso, “o professor faria bem se conseguisse criar, já nos primeiros anos de vida escolar, o hábito de o aluno planejar seu texto, fazer seu esboço, fazer a primeira versão e, depois, revisar o que escreveu, naturalmente sem culpa, sem achar que ficou tudo errado, aceitando a reformulação como algo perfeitamente normal e previsível” (ANTUNES, 2003, pag. 116).

Em virtude do que foi exposto, torna-se imprescindível, portanto, mudar a realidade deste âmbito escolar, assim como outros espaços de educação com a presente proposta abordada nesta investigação, assim, com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o presente Trabalho de Conclusão de Curso é apenas um passo que possibilitará ainda para com a intervenção da realidade e prática escolar de muitos alunos e professores.

REFEÊNCIAS

BAKHTIN, Mikail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAIT, Beth (Org.). **Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas**. Campinas: Pontes/FAPESP, 2001.

BRASIL / Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade e linguagem, textos e discursos: por interacionismo socio-discursivo**. São Paulo: Puc-São Paulo, 2003. 341p.
- CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística: uma introdução crítica / Louis-Jean Calvet; tradução Marcos Marcionilo. – São Paulo: Parábola, 2002.
- COSCARELLI, Carla Viana. **Gêneros textuais na escola**. 2007.
- FERREIRA, Helena Maria. **Gêneros textuais e discursivos: guia de estudos** / Helena Maria Ferreira, Mauricéia Silva de Paula Vieira. – Lavras: UFLA, 2013.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2006.
- FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. 16ª. ed. – São Paulo: Editora Ática, 2002.
- GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Copyright, 2014.
- KLEIMAN, Angela. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes Editores, - 3ª edição – 2008.
- LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Mara de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 7. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: *Gêneros Textuais e ensino*. Organizado por Ângela Paiva Dionísio, Anna Rachel Machado e Maria Auxiliadora Bezerra. 3 ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. pag. 19-36
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gênero e compreensão** / Luiz Antônio Marcuschi. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração** / Maxwell Ferreira de Oliveira. -- Catalão: UFG, 2011. 72 p.: il.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios de procedimento**. 11^o Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

RIGONATTO, Mariana. Sequência didática para o ensino do gênero textual receita: estratégias de ensino – Mariana Rigonatto. Disponível em: <https://www.google.com.br/am/s/m.educador.brasilecola.uol.com.br/amp/estrategias-ensino/sequencia-didatica-para-ensino-genero-textual-receita.htm>. Acesso em 09/10/2018.

VERCEZE, Rosa Maria Nechi. **Gêneros textuais no processo de ensino-aprendizagem**. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, São Paulo, 37 (2): 47-53, maio-ago. 2008.